



SF

SABER E FÉ

03

03

ESCATOLOGIA BÍBLICA E PENSAMENTO UTÓPICO

EGUINALDO HÉLIO DE SOUZA

SE
SABERE FÉ

Conteúdo multimídia e avaliação final



www.saberefe.com/area-do-aluno

Versão da matéria: 1.0

Para verificar se existe uma nova versão para este curso e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

Sumário

- 03 ► Introdução
- 05 ► Capítulo 1 ▼ O termo “utopia”
- 07 ► Capítulo 2 ▼ Escatologia e Utopia
- 12 ► Capítulo 3 ▼ Paz mundial e utopia
- 15 ► Considerações finais
- 16 ► Literatura indicada
- 16 ► Referências bibliográficas

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2016 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

▼ Introdução

O grande problema, tanto teórico quanto prático, que incomoda a filosofia e a teologia, é o problema do mal. Entendê-lo e erradicá-lo é o desafio permanente e urgente do ser humano. Porque o mal, em todas as suas variações, existe, ocupa boa parte da reflexão humana. E como vencer males como doença, morte, desastres naturais, injustiça, maldade é um anseio que tem mobilizado as atividades do homem ao longo da história. Nem sempre é fácil compreender como um universo tão fantasticamente organizado pode ser tão nocivo. Sobreviver a ele tem sido nossa luta.

As Escrituras incluem, em suas previsões futurísticas, um número significativo de situações nas quais o mal é vencido parcialmente ou totalmente na história humana e no próprio universo. Condições de existência almejadas e não atingidas serão realizadas pela intervenção divina. As lutas da existência chegarão ao fim, dando lugar a condições completamente diferentes. De fato, alguns quadros futurísticos são fascinantes e apresentam uma profunda alteração da realidade como a conhecemos:

E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear. (Is 2.4)

E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão, e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. (Is 11.6-8)

Julgará os aflitos do povo, salvará os filhos do necessitado e quebrantará o opressor. Temer-te-ão enquanto durar o sol e a lua, de geração em geração. Ele descerá como a chuva sobre a erva ceifada, como os chuveiros que umedecem a terra. Nos seus dias florescerá o justo, e abundância de paz haverá enquanto durar a lua. (Sl 72.4,7)

Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor, e envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio. (At 3.19-21)

Depois, virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte. E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos. (1Co 15.24,26,28)

Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. (2Pe 3.13)

E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. (Ap 21.4)

Logo, a escatologia bíblica prevê o fim do mal em todas as esferas. E essas previsões não foram frutos dos anseios dos escritores bíblicos, mas são revelações divinas sobre um futuro que só Deus conhece, que ele mesmo planejou e que somente ele poderia produzir. Foram estas predições gloriosas que alimentaram a esperança da humanidade com respeito a um amanhã melhor.

O abandono da fé cristã por parte da civilização ocidental não significou o fim da esperança ou do anseio por um amanhã melhor. Pelo contrário, a esperança continuou fazendo parte do imaginário intelectual de pensadores e estadistas, tornando-se para muitos uma obsessão. A diferença é que em vez da intervenção divina, esse futuro glorioso passou a ser expressão do resultado dos esforços humanos que, com inteligência e pró-atividade, construiria o amanhã perfeito. Assim nasceram as utopias.

Capítulo 1

▼ O termo “utopia”

A ilha de Utopia tem duzentos mil passos em sua maior largura, sitiada na parte média. Esta largura diminui gradual e sistematicamente do centro para as duas extremidades, de maneira que a ilha inteira se arredonda em um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onze mil passos aproximadamente.

Assim Rafael Hitlodeu, personagem de Thomas Morus, começou a descrição da Ilha de Utopia, lugar fictício em que governantes e governados viviam em perfeita harmonia. Morus legou-nos este belo clássico, *A Utopia*, como monumento literário para a humanidade.

Mas além de um clássico, Morus manifestou uma clara aspiração da humanidade: uma sociedade perfeita, capaz de aliar prosperidade, liberdade, ordem, felicidade e justiça. Fez deste estado de coisas um dos objetivos da filosofia, sendo posteriormente sucedido por uma gama de pensadores ávidos por descobrir um meio de tornar este um mundo feliz ou, pelo menos, o mais feliz possível.

Apesar de Morus não ser o primeiro nem o último a criar tal idealização, o título de seu livro passou a designar algo impossível, inatingível para a capacidade humana. Utópico passou a ser a designação de todo objetivo que busca um estado perfeito. Nele se inspirariam inúmeros idealistas e, ao reverso, sobre ele também cairiam as críticas de inúmeros realistas.

Algumas utopias não passaram de romances que jamais saíram do papel. Outras se tornaram ao menos tentativas e, se quisermos ser sinceros, é melhor dizer: tentativas frustradas. Existiram, na verdade, inúmeros projetos utópicos, literários ou não, que por sua pequena divulgação ou influência não figuram aqui. No entanto, desde que o homem rejeitou a revelação divina e apegou-se à utopia como uma deusa, multiplicou sua ansiedade por criar um mundo perfeito. A ideia de progresso que embriagou os intelectuais desde o século 16 nada mais era do que escatologia secularizada. Dessa geração em diante, o divino não foi apenas negado. Foi roubado pelo homem, que passou a ser senhor de seu destino e supostamente capacitado a criar o paraíso na terra.

Assim explica David Wilson em sua obra *A história do futuro*:

Os trabalhos futurísticos de Mercier, Volney e Condorcet criaram o modelo de toda literatura utópica subsequente. Todas as características principais da utopia futurística foram estabelecidas antes de 1800: uma fé otimista no progresso tecnológico, científico e político; a suposição de que a natureza humana era infinitamente maleável e podia, portanto, ser programada para a perfeição; a crença em ordem, razão e igualdade; a expectativa de uma ordem internacional pacífica e harmoniosa; a convicção de que as “leis” da mudança histórica poderiam ser planejadas com certeza matemática.¹

No século 19, o darwinismo foi acrescentado a esse conjunto de ferramentas para a construção do mundo perfeito. A evolução da humanidade não era apenas desejável, era inevitável. O progresso humano tornou-se lei biológica. O “super-homem” de Nietzsche era o “além-homem”, o passo natural do desenvolvimento humano, que já vencera o estágio de símio e agora iria tornar-se algo superior ao que era. A eugenia tornou-se indispensável no projeto de aperfeiçoamento do homem pelo homem e os governos tomaram para si essa responsabilidade.

E então o século 20 despontou e nos “brindou” com o comunismo, o nazismo e o fascismo, realidades aterrorizantes e desumanas criadas com os ingredientes da utopia. No âmbito literário, surgiram as obras *Admirável Mundo Novo* (Aldous Huxley) e *1984* (George Orwell), distopias que retratam o fracasso utópico e alertam para o que poderia acontecer se os homens continuarem a tentar construir um futuro escatológico revelado ao mesmo tempo em que rejeitam a revelação escatológica futurista.

¹ WILSON, David A. *A história do futuro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, pp. 147,148.

Capítulo 2

▼ Escatologia e Utopia

O realismo da escatologia bíblica nasce de seus fundamentos que, por sinal, são bem diferentes dos fundamentos utópicos. O primeiro nasce em Deus; o segundo, no homem. O primeiro é revelação; o segundo, razão, mas uma razão já estragada pela queda, incapaz de funcionar em sua plenitude. Embora ambos descrevam um futuro glorioso, em muitas coisas semelhantes, possuem pontos divergentes irreconciliáveis.

Esse futuro glorioso que nos foi descrito tem sua origem na mente de Deus, único conhecedor seguro do porvir: "Aquilo que o olho não viu, o ouvido não ouviu e nem subiu ao coração do homem é o que Deus tem preparado para aquele que o ama" (1Co 2.9).

Mesmo com o acúmulo impressionante de conhecimento atual, é impossível ver o futuro com clareza. As variáveis são infinitas e não foram poucas vezes que as previsões de cientistas caíram no ridículo, como a ingênua previsão de que no ano 2000 não haveria mais doenças sem cura.

Em segundo lugar, a revelação com relação à restauração do futuro a uma condição de perfeição foi fornecida pelo próprio criador. Na visão bíblica, o criador onipotente torna-se o redentor onipotente. Só ele pode agir sobre o universo e reverter o processo de morte e corrupção iniciado pela queda de Lúcifer e do primeiro casal. Ninguém conhece a “máquina” como o seu inventor. Ninguém, a não ser ele, pode consertá-la. Os utópicos desejam o mesmo que Deus, isto é, consertar o que foi estragado. No entanto, o abismo infinito entre criador e criatura torna tal desejo impossível para o homem.

O sentimento de independência em relação a Deus, que tem caracterizado cada vez mais o homem moderno, é a razão pela qual suas utopias tornam-se distopias. Este sentimento encerra um sonho impossível de perfeição. O grande problema é que muitas utopias se tornaram empreendimentos sociológicos e políticos. Tentaram ajustar a realidade à teoria e isso trouxe imensa dor às cobaias de tais experiências.

Ninguém geralmente pensa nas vítimas do bolchevismo e do nazismo como vítimas de uma utopia. Não conseguem perceber que toda maldade praticada fora justificada com as melhores das intenções, com base em ideologias messiânicas com rótulo de “teorias científicas”.

“O nazismo restabelecerá ao mundo a sua beleza; o comunismo, a sua bondade”², é uma síntese dessa concepção. Todavia, somente Deus tem poder para realizar o futuro escatológico. Quando o ser humano tenta fazê-lo, o resultado é dor e sofrimento.

Entretanto, a questão da possibilidade de o homem mudar o futuro não sai da pauta de alguns pensadores. Biblicamente falando, a salvação, seja no âmbito pessoal, coletivo ou cósmico, é e será um ato do Deus Criador. É esta redenção que aguardamos.

Não podemos, de modo algum, acreditar que algum tipo de “Reino de Deus” possa ser levado a efeito pelo homem, por mais belas que possam parecer as aspirações envolvidas. Desejamos a redenção. Nossa e a do universo. Mas isso só será possível pela graça e pelo poder de Deus.

O conceito de progresso, entendido no sentido de uma transformação em profundidade do ser humano, sob a ação da história ou de uma vontade político-histórica, não pode ser aceito, pois ele faz depender da ação política uma transformação que, segundo a Bíblia, só se deve à graça divina. Quando o que só é possível pela graça divina se torna o objetivo da ação humana, esta visa realizar o impossível. A ação violenta contra a natureza fracassa e logo se transforma em destruição da natureza e, com ela, do humano.³

² BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000, p.49.

³ BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000, p.88.

Linhas escatológicas, como o pós-milenismo, dão enorme destaque para o papel da Igreja na construção de um futuro que se não for literalmente semelhante ao reino descrito por Isaías, pelo menos seria alegoricamente bem semelhante.

Essa tentativa humana de trazer um futuro glorioso e perfeito à existência, geralmente classificado como utópico, foi chamado por Alain Besançon, pensador francês, de “pelagianismo político”. Pelágio foi um pregador britânico (adversário teológico de Agostinho) que defendia a possibilidade de o ser humano fazer o bem independente de Deus. Em sua concepção, não era necessária a graça de Deus, mas bastava o esforço humano para fazer o bem e tudo estaria resolvido. Em parte, essa é a visão por trás da maior parte das manifestações ideológicas ou políticas classificadas na noção de construção do futuro. Elas também acreditam que a humanidade pode construir uma sociedade perfeita, basta querer.

A grande verdade é que todas as tentativas de criar tal sociedade tiveram um resultado oposto. A Revolução Francesa, com seu lema, “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, é um grande exemplo. Adorando a razão e substituindo qualquer autoridade religiosa pela autoridade do Estado, não demorou até que fosse instalado o chamado “Regime do terror” que matou milhares de oponentes. Assim foi com os regimes socialistas e outros totalitários, como o comunista, o nazista ou o fascista. Essa ideia de construção do futuro sempre tem cobrado um alto preço, inclusive daqueles que não acreditam nela.

Por fim, a realidade redimida apresentada pela revelação bíblica tem respaldo em um fato histórico inquestionável – a ressurreição do Messias. Os autores bíblicos, testemunhas da ressurreição, compreenderam que estavam lidando com um fato não apenas inegável, mas fundador de uma nova realidade. Estavam diante de uma vitória definitiva sobre a invencível morte. Perante esse acontecimento, o universo jamais poderia ser o mesmo. Tanto o experiente teólogo Saulo de Tarso quanto o pescador galileu Simão Pedro compreenderam a esperança que esse evento trazia não somente para o ser humano como para a própria criação:

Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. (Rm 8.19-23)

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo. (1Pe 1.3-5)

Nesse conflito entre escatologia e utopia, a ressurreição de Cristo é o diferencial. As utopias modernas, como vimos, sequestraram a escatologia bíblica e tentaram realizar por meio do esforço humano, da engenharia social, de dispositivos políticos, aquilo que fora predito e proclamado a ser realizado por meio da intervenção sobrenatural divina. A ressurreição do Messias é, por sua vez, a intervenção sobrenatural que, por um lado, sanciona as promessas escatológicas e, por outro, dá início ao futuro. Em Cristo e sua ressurreição estão o amém divino e todas as promessas messiânicas (2Co 1.20).

A verdade é que quando contemplamos a grandiosidade das promessas messiânicas, quer nos profetas, quer nos escritores do Novo Testamento, percebemos que o futuro ali descrito envolve um rompimento radical com o presente em sua atual condição. Esse "mundo sem males" parece impossível diante de um mundo com tantos problemas. A escatologia não parece mais real que a utopia. Uma boa parte da hermenêutica se vê tentada a alegorizar uma parcela das predições porque a literalidade significaria uma ordem na natureza muito diferente daquela que conhecemos.

Então, de repente, o túmulo está vazio e seu hóspede não apenas está vivo, mas está vivo de um jeito incomum. Não tem os limites dos corpos físicos normais, não está sujeito à mesma corrupção. É matéria porque não é "não-matéria". O ressuscitado faz e diz coisas que deixam estupefatas as testemunhas. Elas sabem que estão diante de algo jamais visto e ainda assim sabem que é completamente real. Em Cristo está o fim da morte, o fim da corrupção, a vitória sobre tudo o que nos oprime neste mundo. Cristo é o futuro.

Como pode a escatologia cristã falar do futuro? A escatologia cristã não fala do futuro. Ela toma seu ponto de partida uma determinada realidade histórica [a ressurreição de Jesus] e prediz o futuro da mesma, suas possibilidades futuras e sua eficácia futura. A escatologia cristã fala de Jesus e de seu futuro. Conhece a realidade da ressurreição e de Jesus e anuncia o futuro do Ressuscitado. Por isto, para ela a fundamentação de todas as afirmações sobre o futuro na pessoa e na história de Jesus Cristo é a pedra de toque que distingue os espíritos escatológicos dos utópicos.⁴

⁴ MOLTSMANN, Jurgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Teológica, 2003, p.23.

Dessa forma, a escatologia deixa de ser predição e passa a ser história. O futuro, na verdade, já é passado. Já começou e já nos foi apresentado no túmulo vazio. A história nada mais é do que um intervalo entre a Páscoa e a *Parousia*. O processo escatológico começou e é irreversível. É esperança que como toda esperança aponta para o futuro, mas que se fundamenta no passado do Messias. Não admira a ressurreição ser tema central na pregação apostólica. Não admira contra ela terem se levantado inúmeras objeções por parte do pensamento grego. Se ela não ocorreu, então o Evangelho não importa. Se ela ocorreu, nada mais importa. Estamos diante do novo. Não um novo revolucionário, produto da mente humana e de planos humanos para um novo mundo. Estamos diante de um novo inexplicável, inefável, indizível. Se Cristo está vivo, não está vivo com o mesmo tipo de vida que nós e os demais seres estamos vivos. Está vivo com uma qualidade de vida até agora não experimentada na terra. Estamos falando de um novo “novo” e de uma vida totalmente outra. Esta é a qualidade do futuro escatológico previsto nas Escrituras.

Capítulo 3

▼ Paz mundial e utopia

Se a paz mundial fosse natural, ela já teria acontecido. A guerra, local e global, é uma constante histórica e se nem sempre se traduz em conflito bélico, se perpetua por outros meios. Sua raiz não está nos tipos de governo que são estabelecidos. Está no próprio ser humano, que não pode conviver com Deus, consigo mesmo e com seu próximo. As guerras começam no âmago do homem decaído e se expandem entre os povos e as nações. “Donde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura, não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?” (Tg 4.1).

Há conferências de paz, há discursos pela paz, há organizações trabalhando por essa “paz”. Só não há paz de fato, nunca houve. E quando houve paz, não nasceu de entendimentos harmônicos entre os grupos conflitantes. Muito pelo contrário. Nasceu da imposição de grupos mais fortes sobre os grupos mais fracos.

O que foi a *Pax Romana*? Não foi o fruto da transformação do coração humano. Foi uma unidade criada através de domínio e da imposição. Os povos ao redor do Mediterrâneo pararam de lutar entre si, não porque de fato queriam paz, mas porque um Império Universal, como explica Arnold Toynbee, impôs essa paz. Em diferentes espaços geográficos e em diferentes tempos históricos, esses Impérios Universais tiveram lugar. Unidades de povos foram criadas pela força, não pela consciência. Ninguém ousava contestar o poder central porque isso significava destruição.

O que seria a *Pax Mundial*, se não uma unidade nascida da imposição tirânica de um Governo Mundial, forçada sobre o mundo inteiro e pronta para aniquilar qualquer um que se oponha a ele? Ou alguém acredita que em algum momento os líderes das nações simplesmente concordarão em tudo e se unirão pelos laços de fraternidade e amor? Utopia. Essa unidade mundial pode até nascer de consensos, mas só pode se perpetuar pela força brutal e impiedosa.

Ficção? Não, a *Pax Mundial* nesses termos é um discurso utópico que tem fluído da mente de pensadores eminentes, que conhecem a história e conhecem o mundo em que vivem. Mas que não conhecem a Deus, portanto, não esperam dele a paz, mas acreditam que sistemas políticos e estruturas humanas podem produzir tal mundo pacífico através desse governo mundial.

A sociedade do futuro foi um livro de Arnold Toynbee, filósofo e historiador, escrito há mais de quarenta anos, em 1971. Algumas ideias nele expostas são ideias compartilhadas por muitos pensadores. Alguns trechos dessa obra demonstram que o conceito da *Pax Mundial* está bem arraigado nessas mentes. Vejamos:

Os governantes de cada Estado soberano terão de renunciar a sua soberania local para se submeterem a uma soberania superior de um governo literalmente mundial.

Entretanto, creio numa possibilidade real de que no próximo capítulo da história mundial tenhamos de nos submeter a um governo autoritário [tirânico?] se quisermos continuar a viver.

E talvez o texto mais sinistro de todos:

Imagino o mundo integrado e em paz no ano 2000 através de uma ditadura que não hesitaria em matar ou torturar aqueles que, no seu entender, constituíssem uma ameaça à aceitação passiva de sua autoridade absoluta. Podemos prever o provável caráter de uma futura ditadura mundial a partir dos atuais regimes existentes na Grécia, África do Sul, Rodésia e União Soviética e dos anteriores regimes fascista e nazista da Itália e Alemanha.

Sim, a *Pax Mundial*, proclamada e invocada nada tem a ver com a paz real. Essa unidade universal será construída sobre a tirania impiedosa. Escapamos dela no ano 2000, mas não sabemos ainda por quanto tempo conseguiremos escapar. Apocalipse 13 nada mais é do que história antecipada, escrita pelo Espírito de Deus que perscruta todas as coisas (1Co 2.10) – passado, presente, futuro, Deus, e homem.

Qualquer que pense em uma unidade mundial a qualquer preço e qualquer que use o nome de Deus para proclamá-la estará esquecendo a lição da Torre de Babel. Nem toda unidade é de Deus. E existe, sim, unidade contra Deus. Os governantes conspiram unidos contra o Senhor e contra o seu Ungido (Sl 2.2)

Assim concluímos este capítulo com as palavras sempre apropriadas de A. W. Tozer:

“Divida e conquiste” é o refrão cínico dos líderes políticos maquiavélicos, mas Satanás sabe também como unir e conquistar. A fim de colocar uma nação de joelhos, o ditador em potencial precisa primeiro uni-la. Através de apelos repetidos ao orgulho nacional ou à necessidade de vingar-se de alguma injustiça passada ou presente, o demagogo consegue unir a população à sua volta. Depois disso, é fácil dominar os militares e submeter o legislativo. Segue-se então, na verdade, uma unidade quase perfeita, mas trata-se da unidade do curral ou do campo de concentração. Vimos isto acontecer várias vezes neste século [20], e o mundo irá vê-la uma vez mais quando as nações da terra se unirem sob o Anticristo.⁵

Deus nos livre dessa utópica *Pax Mundial*.

⁵ TOZER, A.W. As divisões nem sempre são más, s/p.

▼ Considerações finais

Claro que há dificuldades em uma aceitação natural em tudo que diz respeito à vida futura tal como nos é apresentada nas Sagradas Escrituras. Não estamos falando de melhorar o mundo decaído. Estamos falando de aspectos jamais sonhados envolvendo a realidade.

Quem jamais viveu em um mundo onde a morte foi abolida? Que significa o fim da dor em uma realidade onde se sente dores todos os dias, dores de todos os tipos e tamanhos? Como é viver em um universo sem maldade? Que significa "Deus ser tudo em todos"? A linguagem alegórica é abundante nas passagens escatológicas porque somente por meio de comparações é possível ao homem ter um vislumbre desse amanhã preparado por Deus em direção ao qual o tempo caminha.

Hoje vivemos um plano de existência no qual o físico se encontra alienado do espiritual e em que o terrestre se encontra alienado do terrestre. A comunicação entre ambos é difícil, tanto no terreno dos fatos como no terreno das ideias. Quando esta condição alienada chegar ao fim, tudo ficará mais claro. Até lá, essa realidade tão futura e tão outra nos parecerá ficção.

Foi isso que Jesus quis dizer a Nicodemos: "Se vos falei das coisas terrestres e não crestes, como creereis se vos falar das celestiais?" (Jo 3.12). Do mesmo modo, o apóstolo Paulo, falando de uma experiência que alguns acreditam ter sido dele e ele atribuiu a outros, menciona que "viu coisas inefáveis que ao homem não é lícito falar" (2Co 12.4). A utopia pode ser descrita com palavras bem elaboradas. Na maioria das vezes, seus criadores produziram expressões novas para defini-las. Eram expressões e ideias facilmente compreensíveis aos seus ouvintes e leitores. No entanto, a realidade escatológica será sempre indizível e inefável.

As utopias, no que dizem respeito ao anseio e à luta por um mundo melhor, têm seus pontos positivos. Isso não quer dizer que as utopias em si sejam algo positivo. Afinal, nada pode ser somente ruim sem ter algum traço de beleza ou de bondade. No entanto, ao sequestrar a esperança revelada nas Escrituras e transformá-la em um projeto seu, o ser humano usurpa o divino, substitui o temporário pelo eterno, o certo pelo incerto e falível. Quando lidamos com o futuro revelado, estamos lidando com os aspectos mais sublimes da salvação, com os elementos mais maravilhosos da existência em Deus. Não estamos falando apenas de possibilidades, mas de certezas fundamentadas naquele que vive. Trocar isso por utopias é como promover um "homicídio da esperança".

▼ Leitura indicada

BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

▼ Referências bibliográficas

- ✓ BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.
- ✓ MOLTSMANN, Jurgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Teológica, 2003.
- ✓ WILSON, David A. *A história do futuro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.



www.saberefe.com
Acesse agora!

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2016 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ